

Questões

LÍNGUA PORTUGUESA INSTRUMENTAL COM REDAÇÃO

Millôr analisa um cartum dele mesmo



— Meus parabéns, professor Engelbrecht! O grupo de estudos resolveu chamá-lo "Engelbrecht Birdorum" em homenagem ao senhor.

Evidentemente algumas vezes os cientistas se excedem em sua ciência. Quando o grupo de cavalheiros e cavalheiras estava reunido observando o quê? Esperando o quê? E surgiu o tremendo pássaro que arrebatou o professor Engelbrecht, o que deveriam fazer todos os seus componentes? Claro que tentar a salvação do ilustre professor (vê-se que é ilustre pelo respeito com que o trata o outro cientista que corre, e pela barba, pela indumentária) chamando a rádio patrulha, cabo Kennedy, os postos de escuta de radar ou qualquer desses organismos mecânicos que existem para detecção e salvação universal.

Contudo os cientistas auxiliares (por motivo especial o pássaro gigantesco escolheu exatamente o decano¹ dos sábios) pouco se importaram com a vida de Engelbrecht. Num átimo² fizeram a única coisa que lhes parecia importante, no momento: classificar o pássaro, denominando-o já em honra do professor raptado.

É possível que isso correspondesse aos anseios de glória e à vaidade de Engelbrecht e os cientistas não perderam um minuto para decidi-lo. Em verdade, tendo este, possivelmente, dedicado a vida inteira à ciência, é natural que a morte pouco lhe importe desde que signifique sua definitiva imortalidade. É por isso, então, que o cientistazinho auxiliar corre e lhe comunica a boa nova que o pássaro que o arrebatou será chamado "Engelbrecht Birdorum".

Agora, uma pergunta ainda: quanto tempo durou o ataque dessa fera dos ares? De onde surgiu ela? A vinda dos cientistas a este local, inclusive munidos de binóculos, significaria já uma observação da possível existência dessa besta antediluviana³? Ou estavam eles calma e facetamente⁴ olhando mulheres nuas num telhado distante quando foram surpreendidos pelo ataque aéreo?

De qualquer forma, em grupo estavam e agrupados ficaram. Examinaram apenas o pássaro que se afastava com o professor na boca, denominaram-no e enviam a comunicação ao sábio. A não ser que o agrupamento se deva apenas à própria conjuntura, ao serem atacados se reuniram para defesa mútua. Mas não, estão todos muitos calmos e muito familiares; vê-se que não houve defesa porque não houve luta. O fato é que o pássaro (estranho e belo, por sinal) lá vai embora, levando no bico o nosso professor.

Adaptado de MILLÔR FERNANDES
www2.uol.com.br

- 1 decano – o mais antigo
- 2 átimo – momento, instante
- 3 antediluviana – muito antiga
- 4 facetamente – de maneira peculiar

1. *é natural que a morte pouco lhe importe desde que signifique sua definitiva imortalidade.* (l. 14-15)

No trecho, há uma aparente contradição, exposta por meio de um jogo de palavras que expressam ideias opostas. Identifique as palavras que estariam em contradição e explique por que, no contexto, elas não seriam, de fato, contraditórias.

2. Em sua análise, Millôr apresenta, logo no primeiro parágrafo, um julgamento acerca da reação dos outros cientistas diante da situação de perigo em que está o professor.

Transcreva do primeiro parágrafo duas palavras que demonstrem a existência de um julgamento por parte do autor. Em seguida, explicita esse julgamento.

3. No quarto parágrafo, o uso de um recurso linguístico sugere a reprodução do processo de investigação científica. Ao mesmo tempo, observa-se o uso de ironia, que não é próprio da ciência.

Identifique o recurso mencionado e explique em que consiste a ironia do autor.

O emplasto (1)

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas (2) de volatim (3), que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te.

Essa ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto antihipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição (4) de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias (5) que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influenciou principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído(6), do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim, a minha ideia trazia duas faces, como as

medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia⁷ e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: - amor da glória.

Um tio meu, cônego de prebenda⁽⁸⁾ inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia⁹ outro tio, oficial de um dos antigos terços¹⁰ de infantaria, que o amor da glória era a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua mais genuína feição.

Decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao emplasto.

Machado de Assis

Memórias póstumas de Brás Cubas. Rio de Janeiro: Garnier, 1988.

- 1 emplasto – medicamento
- 2 cabriolas – cambalhotas
- 3 volatim – acrobata
- 4 petição – documento formal de solicitação
- 5 pecuniárias – relativo a dinheiro
- 6 arruído – ruído, barulho
- 7 filantropia – prática da caridade
- 8 prebenda – ocupação rendosa de pouco trabalho
- 9 retorquia – respondia
- 10 terço – tropa militar

4. No primeiro parágrafo, o personagem Brás Cubas se refere à ideia de emplasto, não como uma abstração, mas como algo concretizado, personalizado.

Cite quatro palavras ou expressões que evidenciam a concretização da ideia do personagem.

5. Apesar do que escreveu na petição ao governo, o narrador-personagem confessa aos amigos e aos leitores duas motivações que o teriam levado a criar o emplasto Brás Cubas.

Indique essas duas motivações confessadas pelo narrador. Em seguida, explique a oposição construída pelo narrador entre essas motivações confessadas e aquela apresentada na petição enviada ao governo.

Prova Específica

Diálogo da relativa grandeza

Sentado no monte de lenha, as pernas abertas, os cotovelos nos joelhos, Doril examinava um louva-deus pousado nas costas da mão. Ele queria que o bichinho voasse, ou pulasse, mas o bichinho estava muito à vontade, vai ver que dormindo – ou pensando? Doril tocava-o com a unha do dedo menor e ele nem nada, não dava confiança, parece que nem sentia; se Doril não visse o leve pulsar de fole¹ do pescoço – e só olhando bem é que se via – era capaz de dizer que o pobrezinho estava morto, ou então que era um grilo de brinquedo, desses que as moças pregam no vestido para enfeitar.

Entretido com o louva-deus, Doril não viu Diana chegar comendo um marmelo, fruta azeda enjoada que só serve para ranger os dentes. Ela parou perto do monte de lenha e ficou descascando o marmelo com os dentes mas sem jogar a casca fora, não queria perder nada. Quando ela já tinha comido um bom pedaço da parte de cima e nada de Doril ligar, ela cuspiu fora um pedaço de miolo com semente e falou:

- Está direitinho um macaco em galho de pau.

Doril olhou só com os olhos e revidou:

- Macaco é quem fala. Está até comendo banana.

- Marmelo é banana, besta?

- Não é mas serve.

Ficaram calados, cada um pensando por seu lado. Diana cuspiu mais um caroço.

- Sabe aquele livro de história que o Mirto ganhou?

- Que Mirto, seu. É Milllton. Mania!

- Mas sabe? Eu vou ganhar um igual. Tia Jura vai mindar.

- Não é mindar. É me-dar. Mas não é vantagem.

- Não é vantagem? É muita vantagem.

- Você já não leu o de Milton?

- Li mas quero ter. Pra guardar e ler de novo.

- Vantagem é ganhar outro. Diferente.

- Deferente eu não quero. Pode não ser bom.

- Como foi que você disse? Diz de novo?

- Já disse uma vez, chega.

- Você disse deferente.

- Foi não.

- Foi. Eu ouvi.

- Foi não.

- Foi.

- Foi não.

- Foiooi.

Continuariam até um se cansar e tapar o ouvido para ficar com a última palavra, se Diana não tivesse tido a habilidade de se retirar logo que percebeu a dízima². Com o pedacinho final do marmelo entre os dedos ela chegou-se mais perto do irmão e disse:

- Gi! Matando louva-deus! Olhe o castigo!

- Eu estou matando, estou?

- Está judiando³. Ele morre.

- Eu estou judiando?
- Amolar um bicho tão pequenininho é o mesmo que judiar.

Doril não disse mais nada, qualquer coisa que ele dissesse ela aproveitaria para outra acusação. Era difícil tapar a boca de Diana, ô menina renitente⁴. Ele preferiu continuar olhando o louvadeus. Soprou-o de leve, ele encolheu-se e vergou o corpo para o lado do sopro, como faz uma pessoa na ventania. O louva-deus estava no meio de uma tempestade de vento, dessas que derrubam árvores e arrancam telhados e podem até levantar uma pessoa do chão. Doril era a força que mandava a tempestade e que podia pará-la quando quisesse. Então ele era Deus? Será que as nossas tempestades também são brincadeira? Será que quem manda elas olha para nós como Doril estava olhando para o louva-deus? Será que somos pequenos para ele como um gafanhoto é pequeno para nós, ou menores ainda? De que tamanho, comparando – do de formiga? De piolho de galinha? Qual será o nosso tamanho mesmo, verdadeiro?

José J. Veiga

A máquina extraviada. Rio de Janeiro: Editora Prelo, 1968.

- 1 fole – papo
- 2 dízima – refere-se à dízima periódica, algo sem fim
- 3 judiar – maltratar
- 4 renitente – teimosa

6. *Ele preferiu ficar olhando o louva-deus. Soprou-o de leve, ele encolheu-se e vergou o corpo para o lado do sopro, (l. 46-47)*

Será que as nossas tempestades também são brincadeira? Será que quem manda elas olha para nós como Doril estava olhando para o louva-deus? (l. 51-52)

Nos dois trechos acima, há uma variação no envolvimento do narrador com a história que ele conta.

Explique em que consiste essa variação. Em seguida, indique o recurso gramatical usado para expressá-la.

7. *era capaz de dizer que o pobrezinho estava morto, (l. 5-6)*

Continuariam até um se cansar e tapar o ouvido para ficar com a última palavra, (l. 37) qualquer coisa que ele dissesse (l. 45)

Será que as nossas tempestades também são brincadeira? (l. 51)

Nestas quatro passagens, retratam-se situações hipotéticas, apenas imaginadas pelo narrador ou pelos personagens.

Caracterize a forma linguística usada em cada uma para exprimir suposição em lugar de certeza.

8. No último parágrafo, as perguntas formuladas dizem respeito à relatividade dos animais e dos homens quando comparados uns aos outros. Essa ideia de que nada é absoluto também pode ser percebida nos diálogos entre os personagens Doril e Diana.

Transcreva, desses diálogos, duas passagens que exemplifiquem a percepção da relatividade retratada no conto. Justifique suas escolhas.

9. Observe que, nos fragmentos abaixo, os pronomes *o* e *elas* desempenham a mesma função sintática: objeto direto.

a) Soprou-o de leve, ele encolheu-se e vergou o corpo para o lado do sopro, como faz uma pessoa na ventania.

b) Será que quem manda elas olha para nós como Doril estava olhando para o louva-deus? Explique a diferença de formas entre os pronomes, com base na diversidade de usos da língua.

Reescreva integralmente cada construção sublinhada, de modo que o item *a* passe a ter a forma característica de *b*, e *b* passe a ter a forma característica de *a*.

Gabarito

1. morte e imortalidade

Elas não estão em contradição, porque, no contexto, a morte se refere ao estado físico enquanto a imortalidade ocorreria por causa da fama no mundo da ciência.

2. Evidentemente e Claro (que)

O autor condena a falta de ação dos outros cientistas para salvar o professor.

3. Fazer perguntas sobre tempo, lugar e modo de ocorrência do fato.

As referências ao acaso e à observação de mulheres nuas.

4. Quatro dentre os elementos:

- bracejar
- pernear
- pendurou-se-me
- tomar forma de X
- deu um grande salto
- estendeu os braços e pernas
- fazer as mais arrojadas cabriolas

5. As motivações são a ambição por ganhar dinheiro e a vaidade / desejo de fama. O narrador opõe essas motivações à alegação do resultado filantrópico, “verdadeiramente cristão”, feita na petição enviada ao governo.

6. No primeiro fragmento, o narrador relata de maneira mais objetiva e distanciada.

No segundo, o pensamento do narrador se confunde com o do personagem.

Mudança da 3ª para a 1ª pessoa / uso dos pronomes “nossas” e “nós” no segundo trecho.

7.

1ª passagem - uso da construção “era capaz de”

2ª passagem - emprego do verbo continuar no futuro do pretérito

3ª passagem - emprego do verbo dizer no modo subjuntivo

4ª passagem - uso da forma interrogativa “Será que”

8. Duas das passagens e respectivas justificativas:

– Macaco é quem fala. Está até comendo banana.

– Marmelo é banana, besta?

– Não é mas serve.

Para responder à provocação de Diana, marmelo e banana se equivalem na visão de Doril.

– Li mas quero ter. Pra guardar e ler de novo.

– Vantagem é ganhar outro. Diferente.

– Deferente eu não quero. Pode não ser bom.

O trecho mostra as opiniões diferentes sobre a leitura de Diana e de Doril.

– Está judiando. Ele morre.

-
- Eu estou judiando?
 - Amolar um bicho tão pequenininho é o mesmo que judiar.
- A distinção entre amolar e judiar é indiferente para Diana.

9. A forma “o” mostra um emprego típico da língua escrita padrão.

A forma “elas” mostra um emprego típico da fala informal.

Soprou ele de leve

Será que quem as manda